

09-05-2023

**PAIXÃO OU VISTO PARA CRIMES?****Thiago Sebastiano de Melo**

[Docente no CET - Universidade de Brasília.  
Membro da Coordenação Executiva do Comitê Goiano  
de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino]

*Porém com perfeita paciência  
volto a te buscar e hei de encontrar  
Bebendo com outras mulheres  
Rolando um dadinho, jogando bilhar  
E nesse dia então vai dar na primeira edição  
Cena de sangue num bar da Avenida São João*  
(Paulo Vanzolini)<sup>1</sup>

Foi com dor que ouvi uma das composições de Paulo Vanzolini que mais gosto. Talvez sua principal obra, registrada nas vozes de mais de trinta intérpretes brilhantes. Apesar da adaptação para o masculino nas interpretações como as de Fagner, a letra narra a busca de uma mulher por um homem que ela julga estar bebendo com outras mulheres e professa jogar o dito ao encontrá-lo. Inspirada nas experiências do autor nas áreas meretrícias paulistanas, o que está em xeque é: quem morre e quem mata nesses crimes passionais? Poderia aqui trazer dados do feminicídio no Brasil e no mundo. Penso que estou dispensado pelo reconhecimento público da dimensão do problema social.

Recentemente mais uma polêmica tomou os debates nos círculos artísticos envolvendo uma canção do Chico Buarque. Algumas mulheres saíram em defesa do cancelamento da música, essa prática contemporânea que pede reflexões coletivas, argumentando que não deveria ser mais executada publicamente pelo caráter sexista que coloca a mulher num lugar de submissão. O próprio Chico tomou a decisão de não cantá-la mais em seus shows, compreendendo que a história, escrita a pedido da amiga Nara Leão, já não tem lugar nos dias atuais. Algumas mulheres se manifestaram contrárias à decisão. Sem adentrar na celeuma, o que me dói é a força do “não cabe mais nos dias atuais” expresso por Chico.

A lista de canções que aos poucos vão sendo reescritas ou mesmo saem dos shows é crescente. O próprio grupo Racionais MC's, uma referência indelével para existências periféricas como a minha, já não tocam “[Estilo cachorro](#)”. Ocorre que essa sensibilidade não se traduziu em debate público quando da denúncia de que um de seus membros assediou sexualmente uma mulher, figura igualmente pública, o que garantiu tímida repercussão, a despeito do envolvido ter feito menção à sua fama como fato que desabonaria a acusação.

Não por coincidência, em outro caso de denúncia (de assédio), desta vez coletiva e com muito maior notoriedade, um intelectual com profunda influência no meio acadêmico progressista usou de sua fama para ameaçar as primeiras denunciantes. Mas inclusive uma deputada estadual endossou as denúncias. O que não cabe mais nos dias atuais? Queremos que toda forma de exploração e opressões, incluindo os assédios morais e sexuais, sejam banidas. Fato é que há um subtexto, um componente da sociabilidade, que torna crimes relacionados à paixão (auto)autorizados, atenuados.

Os casos são muitos. Minha companheira foi perseguida por uma mulher apaixonada pelo seu então namorado.

Apaixonada, a perseguidora cuidou de ofendê-la e às familiares. Uma colega de profissão precisou sair da cidade porque um rapaz se apaixonou/obcecou por ela e passou a persegui-la. A recorrência fez com que recentemente, por lei, a prática seja enquadrada como crime. Ao apreciar atentamente Fagner entoando a letra de Ronda, a canção de Paulo Vanzolini em tela, me doe profundamente o tabu que encapsula o debate sobre amor e paixão e de como esse silêncio coletivo se combina ao machismo que educa por diferentes meios. A promessa de sangue no encontro almejado é o retrato da resolução sanguinária que estampa as manchetes diariamente.

O que se inverte em relação à música são as posições de gênero. Do mesmo modo que os versos escritos, sob encomenda de uma mulher, no caso de Chico, já não fazem sentido atualmente. A alusão à permissividade/contemplação, e quiçá até compadecimento, com o assassinato, no caso dos versos de Paulo, não pode ter lugar nos dias que correm. Longe de advogar a censura como forma de controle, o que só leva à fermentação do pior que a sociedade já produziu e produz (dos recalamentos da sexualidade aos narcisismos das pequenas diferenças fomentados por discursos e grupos xenofóbicos), cumpre debatermos publicamente.

De que forma podemos avançar para uma sociabilidade que não autorize comportamentos violentos, na qual a paixão não seja um visto no passaporte das relações interpessoais para crimes.

■ ■ ■

Nota:

1. Ronda. Paulo Vanzolini. 1953. (letra e voz de [Maria Bethânia](#))

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*